

TEMA 3. A fé sobrenatural

A virtude da fé é uma virtude sobrenatural que capacita o homem a assentir firmemente a tudo o que Deus revelou.



PDF: A fé sobrenatural.

1. Noção e objecto da fé

O *acto de fé* é a resposta do homem a Deus que se revela (Cf. *Catecismo*, 142). «*Pela fé* o homem submete completamente a Deus a inteligência e a vontade; com todo o seu ser, o homem dá assentimento a Deus revelador» (*Catecismo*, 143). A Sagrada Escritura chama a este assentimento «*obediência da fé*» (Cf. *Rm* 1, 5; 16, 26).

A *virtude da fé* é uma virtude sobrenatural que capacita o homem – ilustrando a sua inteligência e movendo a vontade – a assentir firmemente em tudo o que Deus revelou, não pela sua evidência intrínseca, mas pela autoridade de Deus que revela. «*Antes de mais, a fé é uma adesão pessoal do homem a Deus. Ao mesmo tempo, e inseparavelmente, é o assentimento livre a toda a verdade revelada por Deus*» (*Catecismo*, 150).

2. Características da fé

- «*A fé é um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele (Cf. Mt 16, 17). Para prestar esta adesão da fé são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo*» (*Catecismo*, 153). Não basta a razão para abraçar a verdade revelada; é necessário o dom da fé.
- *A fé é um acto humano*. Embora seja um acto que se realiza graças a um dom sobrenatural, «*crer é um acto autenticamente humano. Não é contrário nem à liberdade nem à inteligência do homem confiar em Deus e aderir às verdades por Ele reveladas*» (*Catecismo*, 154). Na fé, a inteligência e a vontade cooperam com a graça divina: «*Crer é um acto do entendimento que assente à verdade divina por império da vontade movida por Deus mediante a graça*» [1].
- *Fé e liberdade*. «*A resposta da fé dada pelo homem a Deus, deve ser voluntária. Por conseguinte, ninguém deve ser constrangido a abraçar a fé contra vontade. Efectivamente, o acto de fé é voluntário por sua própria natureza*» (*Catecismo*, 160) [2]. «*Cristo convidou à fé e à conversão, mas de modo nenhum constrangeu alguém. Deu testemunho da verdade, mas não a impôs pela força aos seus contraditores*» (*ibidem*).
- *Fé e razão*. «*Muito embora a fé esteja acima da razão, nunca pode haver verdadeiro desacordo entre ambas: o mesmo Deus, que revela os mistérios e comunica a fé, também acendeu no espírito humano a luz da razão. E Deus não pode negar-Se a Si próprio, nem a verdade pode jamais contradizer a verdade*» [3]. «*É por isso que a busca metódica, em todos os domínios do saber, se for conduzida de modo verdadeiramente científico e segundo as normas da moral, jamais estará em oposição à fé: as realidades profanas e as da fé encontram a sua origem num só e mesmo Deus*» (*Catecismo*, 159).

Carece de sentido tentar demonstrar as verdades sobrenaturais da fé; pelo contrário, pode-se provar sempre que é falso tudo o que pretende ser contrário a essas verdades.

- *Eclesiologia da fé.* “Crer” é um acto próprio do fiel enquanto fiel, ou seja, enquanto membro da Igreja. O que crê assente à verdade ensinada pela Igreja, que guarda o depósito da Revelação. «A fé da Igreja precede, gera, suporta e nutre a nossa fé. A Igreja é a Mãe de todos os crentes» (*Catecismo*, 181). «Ninguém pode ter a Deus por Pai se não tiver a Igreja por Mãe» [4].
- *A fé é necessária para a salvação* (cf. *Mc* 16, 16; *Catecismo*, 161). «Sem a fé é impossível agradar a Deus» (*Hb* 11, 6). «Aqueles que, ignorando sem culpa o Evangelho de Cristo, e a Sua Igreja, procuram, contudo, a Deus com coração sincero, e se esforçam, sob o influxo da graça, por cumprir a Sua vontade, manifestada pelo ditame da consciência, também eles podem alcançar a salvação eterna» [5].

3. Os motivos de credibilidade:

«O motivo de crer não é o facto de as verdades reveladas aparecerem como verdadeiras e inteligíveis à luz da nossa razão natural. Nós cremos “por causa da autoridade do próprio Deus que revela e que não pode enganar-Se nem enganar-nos”» (*Catecismo*, 156).

No entanto, para que o acto de fé fosse conforme à razão, Deus quis dar-nos *motivos de credibilidade* que mostram que «o assentimento da fé não é “de modo algum um movimento cego do espírito”» [6]. Os motivos de credibilidade são sinais certos de que a Revelação é palavra de Deus.

Estes motivos de credibilidade são, entre outros:

- a gloriosa *Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo*, sinal definitivo da Sua Divindade e prova certíssima da verdade das Suas palavras;
- «os milagres de Cristo e dos santos (cf. *Mc* 16, 20; *Heb* 2, 4)» (*Catecismo*, 156) [7];
- o cumprimento das *profecias* (cf. *Catecismo*, 156), feitas sobre Cristo ou pelo próprio Cristo (por exemplo, as profecias acerca da Paixão de Nosso Senhor; a profecia sobre a destruição de Jerusalém, etc.). Este cumprimento é prova da veracidade da Sagrada Escritura;
- a sublimidade da doutrina cristã é também prova da Sua origem divina. Quem medita atentamente os ensinamentos de Cristo, pode descobrir na sua profunda verdade, na sua beleza e na sua coerência; uma sabedoria que excede a capacidade humana de compreender e de explicar o que é Deus, o que é o mundo, o que é o homem, a sua história e o seu sentido transcendente;
- a propagação e a santidade da Igreja, a sua fecundidade e estabilidade «são sinais certos da Revelação, adaptados à inteligência de todos» (*Catecismo*, 156).

Os motivos de credibilidade não só ajudam quem não tem fé para superar preconceitos que dificultam a sua recepção, mas também quem tem fé, confirmando-lhe que é razoável crer e afastando-o do fideísmo.

4. O conhecimento de fé

A fé é um conhecimento: faz-nos conhecer verdades naturais e sobrenaturais. A aparente obscuridade que experimenta o crente é fruto da limitação da inteligência humana diante do excesso de luz da verdade divina. A fé é uma antecipação da visão de Deus “cara a cara” no Céu (1 *Co* 13, 12; Cf. 1 *Jo* 3, 2).

A certeza da fé: «A fé é certa, mais certa que qualquer conhecimento humano, porque se funda na própria Palavra de Deus, que não pode mentir» (*Catecismo*, 157). «A certeza que dá a luz divina é maior do que a que dá a luz da razão natural» [8].

A inteligência ajuda a aprofundar na fé. «É inerente à fé que o desejo do crente de conhecer melhor Aquele em quem acreditou e compreender melhor o que Ele revelou; um conhecimento mais profundo exigirá, por sua vez, uma fé maior e cada vez mais abrasada em amor» (*Catecismo*, 158).

A teologia é a ciência da fé: esforça-se, com a ajuda da razão, por conhecer melhor as verdades que se possuem pela fé; não para as tornar mais luminosas em si mesmas – que é impossível – mas mais inteligíveis para o crente. Este afã, quando é autêntico, procede do amor a Deus e é acompanhado pelo esforço de acercar-se mais a Ele. Os melhores teólogos foram e serão sempre santos.

5. Coerência entre fé e vida

Toda a vida do cristão deve ser manifestação da sua fé. Não há nenhum aspecto que não possa ser iluminado pela fé. «O justo vive da fé» (*Rm* 1, 17). A fé actua pela caridade (Cf. *Ga* 5, 6). Sem as obras, a fé está morta (cf. *Tg* 2, 20-26).

Quando falta esta unidade de vida e se transige com uma conduta que não está de acordo com a fé, então a fé debilita-se necessariamente e corre-se o perigo de perder-se.

Perseverança na fé: A fé é um dom gratuito de Deus ao homem. Mas nós podemos perder este dom inestimável (cf. 1 *Tm* 1,18-19). «Para viver, crescer e perseverar até ao fim na fé temos de a alimentar» (*Catecismo*, 162). Devemos pedir a Deus que nos aumente a fé (cf. *Lc* 17,5) e que nos faça «fortes in fide» (1 *P* 5, 9). Para isto, com a ajuda de Deus, há que fazer muitos actos de fé.

Todos os fiéis católicos estão obrigados a evitar os perigos para a fé. Entre outros meios, devem abster-se de ler publicações que sejam contrárias à fé ou à moral – quer tenham sido assinaladas expressamente pelo Magistério, quer se uma consciência bem formada o detecta – a menos que exista um motivo grave e se verifiquem os pressupostos que tornem essa leitura inócua.

Difundir a fé. «Não se acende uma candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas no candelabro... Assim brilhe a vossa luz diante dos homens» (*Mt* 5, 15-16). Recebemos o dom da fé para o propagar não para o ocultar (cf. *Catecismo*, 166). Não se pode prescindir da fé na actividade profissional [9]. É preciso informar toda a vida social com os ensinamentos e o espírito de Cristo.

Francisco Díaz

Bibliografia básica

Catecismo da Igreja Católica, 142-197.

Leituras recomendadas

S. Josemaria, Homilia «Vida de fé», em *Amigos de Deus*, 190-204.

Notas

- [1] São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II-II, q. 2, a. 9
- [2] Cf. Concílio Vaticano II, Declar. *Dignitatis Humanae*, 10; CIC, 748, §2.
- [3] Concílio Vaticano I: DS 3017.
- [4] Concílio Vaticano II, Const. *Lumen Gentium*, 16.
- [5] São Cipriano, *De Catholicae Unitate Ecclesiae*: PL 4,503
- [6] Concílio Vaticano I: DS 3008-3010; *Catecismo*, 156.
- [7] O valor da Sagrada Escritura, como fonte histórica totalmente fiável, pode estabelecer-se com sólidas provas: por exemplo, as que se referem à sua antiguidade (vários dos livros do Novo Testamento foram escritos poucos anos após a Morte de Cristo, o que testemunha o seu valor), ou as que se referem à análise do conteúdo (que mostra a veracidade dos testemunhos).
- [8] São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II-II, q. 171, a. 5, ad 3.
- [9] Cf. S. Josemaria, *Caminho*, 353.